



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III  
DEPARTAMENTO DE LETRAS  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE**

**O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO: DO FOLHETO  
AOS QUADRINHOS E AO TEXTO INFANTIL**

**Guarabira- PB  
2014**

**KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE**

**O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO: DO FOLHETO  
AOS QUADRINHOS E AO TEXTO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras da  
Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como  
Exigência institucional para a conclusão do curso e a  
obtenção do grau de Licenciatura em Letras:  
Português.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilene Carlos do Vale Melo**

**Guarabira- PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A553r Andrade, Karla Jordânia Bezerra

O romance do pavão misterioso: [manuscrito] : do folheto aos quadrinhos e ao texto infantil / Karla Jordania Bezerra Andrade. - 2014.

20 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Marilene Carlos do Vale Melo, Departamento de Letras".

1. Romance do pavão misterioso. 2. Literatura de cordel. 3. Literatura infantil. 4. Histórias em quadrinhos. 5.

Intertextualidade. I. Título.

21. ed. CDD 398.5

**KARLA JORDÂNIA BEZERRA ANDRADE**

**O ROMANCE DO PAVÃO MISTERIOSO: DO FOLHETO  
AOS QUADRINHOS E AO TEXTO INFANTIL**

Artigo apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III,  
como exigência institucional para a conclusão do curso e a obtenção do grau de Licenciatura  
em Letras: Português.

Aprovada em: 16/07/2014

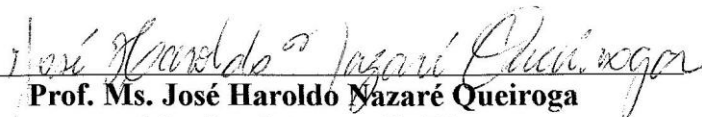
**Banca Examinadora:**



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marilene Carlos do Vale Melo**  
Orientadora – UEPB



**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Wanilda Lima Vidal de Lacerda**  
Membro Interno – UEPB



**Prof. Ms. José Haroldo Nazaré Queiroga**  
Membro Interno – UEPB

## RESUMO

O nosso estudo é sobre o cordel “*Romance do Pavão Misterioso*” de João Melchíades Ferreira, reescrito a partir de original de José Camelo de Melo Resende, que serviu de base para outros autores transformá-lo em outras versões, como em Quadrinhos e em texto da literatura infantil. Iniciamos apresentando alguns aspectos sobre Literatura de Cordel, Literatura Infantil e Histórias em Quadrinhos. A base teórica deste estudo é a questão da Intertextualidade, especificamente a teoria de Júlia Kristeva, dentre outros para investigar como o texto do cordel serviu de base para as recriações e o que há de comum entre elas e o que se modificou.

**Palavras-chave:** Romance do Pavão Misterioso. Literatura de Cordel. Literatura Infantil. Histórias em Quadrinhos. Intertextualidade.

### 1. Introdução

Estudo sobre o Romance do Pavão Misterioso, escrito por João Melchíades Ferreira, a partir de original de José Camelo de Melo Resende, e das versões adaptadas para a literatura infantil e Histórias em Quadrinhos. Tem como objetivo, fazer um estudo comparado dessas diferentes versões do folheto, para identificar o que há de comum entre elas, e o que difere como acréscimos ou supressão.

Para isso, tornou-se necessário apresentar alguns aspectos sobre a literatura de cordel, identificando suas origens, os processos de desenvolvimentos até sua chegada ao Brasil, diretamente no Nordeste, região que foi propícia para a manifestação e ampliação desse tipo de atividade a espalhar-se por todo o país. Tratamos, também, sobre a literatura infantil, sua origem, importância, produção e sobre as Histórias em Quadrinhos, como chegaram ao Brasil e sua evolução.

O fundamento teórico que serve de base a este estudo é a questão da Intertextualidade, a relação entre os textos, a partir da qual fizemos a comparação do texto de base popular o Romance do Pavão Misterioso, com O Pavão Misterioso adaptado a elas, escrito numa linguagem compreensível para criança e ilustrações coloridas, e O Pavão Misterioso Cordel em Quadrinhos, onde a fala dos personagens se reproduz dentro de balões e a narrativa se desenvolve, também, através dos desenhos.

Dividimos nosso estudo em partes. A primeira, descreve as raízes e a expansão da literatura popular, os lugares por onde passou até a sua chegada ao Brasil. A segunda, refere-se ao princípio e o desenvolvimento da Literatura Infantil e as Histórias em Quadrinhos. No

terceiro momento está a descrição dos documentos, das três versões em estudo. No quarto tópico está uma breve apresentação sobre a questão da intertextualidade; e, no quinto, tratamos sobre a comparação as três narrativas.

## 2. Sobre Intertextualidade

Podemos falar sobre a intertextualidade como procedimento descritivo de uma determinada obra, influência, causas, citações resultante do processo de leitura ou estudo de um texto que se relaciona com o anterior para a construção de um novo; Nessa condição ela ajuda a descobrir método de um texto que dialoga com outro.

[...] diálogo entre os textos, destacando-se o princípio de que a obra literária, como resultado do “fazer textual”, é produto da relação que mantém com outros textos anteriores, como a produção e a recepção de um texto são dependentes do conhecimento de outros textos com os quais, de algum modo, mantém relações. (MELO, 2008, p.21).

A compreensão das relações entre textos, como elemento relevante no trabalho de criação de textos é um fenômeno antigo e está ligado às reflexões sobre a questão da imitação. Desde Platão, Aristóteles e outros, foi fundamentado esse processo da imitação, que chegou a seu ápice no período do Renascimento, deixando claro algumas suposições sobre a manifestação da comparação, uma vez que mostrou a metodologia desse progresso literário. Na visão de Aristóteles, o homem tem o perfil de imitador por natureza; desde a infância, a comparação é um elemento da estrutura do pensamento e da sua cultura, como afirma Melo (2008, p.51):

A estética da imitação atingiu o apogeu durante o Renascimento, quando os artistas da época serviram-se dos modelos fornecidos pela Antiguidade. Voltando à Antiguidade, retomamos a Aristóteles (1979) que diz ter o homem, desde a infância, uma tendência natural e instintiva para a imitação e encontra prazer nas imitações [...].

No fim do século XIX, o processo de comparar foi veiculado pela a literatura comparada. Consolidando-se com ajuda da corrente cosmopolita, ela veio a assumir um papel interpretativo e analítico, permitindo uma melhor exploração no seu campo de atuação, obtendo resultado desejado. Precisamente o que pode defini-la é a forma pela qual se encontra ou como flui espontaneamente, sendo considerada uma disciplina-meio e não como disciplina-fim, difundida nos valores clássicos. Como nos esclarece Tânia Franco:

[...] convertendo-se na operação fundamental da análise, ela passa a tomar ares de método- e começamos a pensar que tal investigação é um estudo comparado. Pode dizer então que a literatura comparada compara não pelo procedimento em si, mas porque, como recurso analítico e interpretativo, a comparação possibilita a este tipo de recurso literário uma exploração adequada de seus campos de trabalho e o alcance dos objetivos a que se propõe. (CARVALHAL, 2001, p. 10-16).

Nos anos 70, do século XX, a ideia que existe uma confluência entre os textos literários foi bem difundida em teorias diversas que se revelavam sob a denominação de textualidade. Dentre as teorias sobre o método do comparativismo, destacam-se o pensamento de Tynianov, Bakhtin, T.S. Elliot, Harold Bloom, Júlia Kristeva, Jaques Derrida, Gérard Genette, Michael Rifaterre, que apresentaram a ideia de que um texto não existe isolado, porque outros textos, autores, a história, sempre se fazem presente, impedindo o fechamento de um texto em si. Júlia Kristeva faz menção a essa ideia, para esclarecer o que Mikhail Bakhtin chamou de dialogismo.

Júlia Kristeva, na trilha de Tynianov e Bakhtin, chegou à noção de Intertextualidade, quando iniciou estudos sobre o método de construção de textos, abrindo um espaço novo, sugerindo outra opção, além do procedimento comparativista, nascendo um novo meio de produção de texto. Modernamente a intertextualidade é o principal objeto de estudo literário aplicado dentro do campo do comparativismo, incentivando novas fontes de produção em estudos textuais.

### **3. Alguns aspectos sobre a Literatura de Cordel**

A Literatura de Cordel refere-se a folhetos impressos que eram expostos pendurados em varal de barbante a venda em praças, romarias, nas ruas. Eram trabalhos manuscritos circulando entre ouvintes/leitores que, para ler, se aglomeravam em forma de grupos. Esse também foi um dos motivos pelo qual foi intitulado Literatura de Cordel, conforme Câmara Cascudo (1984, p.164).

Há uma literatura popular impressa, literatura de cordel, que os franceses denominam de colportage, que Charles Nizard estudou na França e que Teófilo esboçou em Portugal. Ninguém decidiu sobre a velocidade desses livrinhos. Saíram do povo ou foram excluídos, pela leitura, na oralidade anônima. [...] Esses livros vêm do século XV, do século XVI e continuam sendo reimpressos em Portugal e Brasil.

Oriundo dos países europeus, também conhecidos como Ibéricos (Portugal e Espanha), na Era Medieval, mais precisamente entre os séculos XI e XII, os livretos eram recitados nos palácios, arraiais, lugarejos e feiras, pelos então conhecidos de “menestréis ambulantes”, os

trovadores da época, os primeiros poetas da literatura oral, conhecida como arte popular da província, denominando-se o principal dialeto da região.

Em meados de 1450, com o aparecimento da imprensa, essa literatura passou a ser impressa em papéis de péssima qualidade e vendidos à população por baixo custo. Essa novidade da escrita foi se expandido por outros países, chegando à Alemanha, Itália e França.

Destacamos que os primeiros folhetins foram originados de Portugal, conhecido como o berço histórico da literatura oral, comparado a outros países. Foi considerado rico culturalmente; sua literatura popular era variada, composta pelas danças, festas religiosas, que faziam parte da tradição.

No Brasil, a literatura de cordel chegou através dos colonizadores europeus, no fim do século XVIII para o XIX (1790), introduziu-se no Nordeste, inicialmente na Bahia, e se desenvolveu com mais intensidade nos estado do Ceará, Paraíba e Pernambuco.

O conjunto das características da região Nordeste transformou-se num espaço perfeito para o crescimento da Literatura de Cordel. Na verdade, os fatores de condições sociais colaboraram para isso, principalmente os assuntos ligadas aos flagelos climáticos como a questão da seca, por exemplo. Os poetas, por meio de cantorias, se reuniam em grupos, a contar histórias do cangaço etc., nos engenhos e fazendas, vilarejos, cidades do interior do sertão.

Embora exista em todo território nacional, foi no Nordeste do Brasil que a literatura de cordel se desenvolveu de forma excepcional, sobre tudo nos últimos 100 anos – juntamente porque foi mais ou menos a partir desta época que o povo conseguiu fazer uso da imprensa no Brasil. A grande vantagem da literatura de cordel sobre outras expressões da cultura popular é o que o próprio homem do povo imprime suas produções [...] (LUYTEN, 2007, p 44).

As circunstâncias relacionadas às emoções do povo Nordestino servem de inspirações aos poetas em suas autorias, de escritos em sextilhas, sétimas ou décimas, divulgando as condições sócias em que viviam. Na escrita, a poesia popular foi a manifestação do passado e até os dias atuais, através dos pressupostos, rimas e métricas. Como afirma Cavalcante (2007, p.29).

[...] Na verdade o cordel se constitui em um verdadeiro jornal nordestino, cuja temática apresenta “causos” ocorridos de fato ou acrescidos da fantasia popular, passando pelos relatos relacionados com a política e a religião. Ressalta-se, ainda, que se trata de um jornal em versos (e muitos bem delimitados no ritmo na métrica), o que faz o jornal mais ainda característico. Isso torna, sem dúvida, a literatura de cordel uma das mais curiosas e extraordinárias expressões da arte nacional, seja pelo fazer poético [...]



No século XX, entre década de 30 e 50, a literatura oral chegou a seu apogeu. Os livretos eram impressos em papel de baixo custo nos tamanhos de 15 a 17 cm X 11 cm. Suas capas eram em forma de xilogravuras, desenhos espontâneos e rudes de baixo custo, cuja produção era dos próprios poetas, todos feitos de forma artesanal; até 8 páginas são chamados folhetos e acima de 16 páginas, são denominados romance.

Os cordéis eram pendurados em barbantes, costume herdado de Portugal. Assim daria para ver melhor, ou expostos, no chão, em cima de uma lona. Os poetas contavam suas histórias de feira em feira, divulgando os seus trabalhos, atraindo a atenção dos feirantes e curiosos que levavam para casa os livretos. Partindo daí, houve incentivo à leitura, pois nesse período só quem tinha acesso e o privilégio à leitura e à escrita era da elite. Os folhetos serviram de incentivos para os analfabetos aprenderem a ler e escrever, porquanto queriam saber o que estava escritos, os causos em formas de versos que narravam para as pessoas que os rodeavam, os acontecimentos no mundo.

Em Portugal, o poeta Gil Vicente era conhecido por utilizar a literatura de cordel em suas peças teatrais. No Brasil, mais precisamente no Nordeste, antes dos séculos XIX e XX, nenhum letrado tinha interesse em estudar esse assunto. O desbravador do Cordel foi o poeta Leandro Gomes de Barros (1865-1918), paraibano de Pombal. No ano de 1893, ele mesmo produziu e vendeu seus trabalhos. Anos depois, já na cidade do Recife, com o sucesso das vendas dos cordéis, passou a viver exclusivamente da sua produção, constituindo-se patrão, autor e editor. “Com ele surgiu à figura do editor de Cordel que escrevia, publicava e distribuía a sua produção”. (HAURÉLIO, 2010, p. 20).

#### **4. Sobre a Literatura Infantil.**

Em meados do século XVIII, na Europa, deu-se início a história da literatura infantil. Até então, o mundo da criança era o mundo adulto. Na verdade, se convivia com duas realidades sociais, com relação à leitura: os filhos dos burgueses eram orientados por educadores, conhecidos por preceptores, que os faziam ler livros de grandes autores, e os filhos da classe menos privilegiada tinham contatos com as histórias de aventuras e cavalaria, em meio aos contos folclóricos e lendas que constituíam a literatura de cordel, leitura que abrangia a camada popular. Segundo Cunha:

[...] Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança pelo que deveria passa a ser considerado um ser diferente do adulto, com necessidades e

características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. (1999, p.22).

As crianças eram tratadas como miniaturas de adultos, sem nenhuma distinção dos mais velhos, pois usavam as mesmas roupas e frequentavam os mesmos lugares. A partir do século XVIII, houve uma mudança envolvendo o mundo infantil. Passaram a perceber as crianças como seres diferentes dos adultos, eram portadoras de outras necessidades, precisavam de atenção diferenciada. Como o novo estava se formando, voltado para os ensinamentos das crianças, prepará-las para encarar o futuro no meio social em que estavam inseridas, as escolas passaram a ser abertas, não só para os filhos dos burgueses frequentarem. A população carente muito ganhou com a inserção da literatura infantil nas escolas, que cada vez mais firmou uma nova visão para os pequeninos de todas as classes. Através dessa atenção especial para as crianças, os adultos passaram a imaginar-se na sua infância. Sobre isso, Lucia Goés ( apud Cunha) afirma:

A literatura infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do aluno. Assim, nas três áreas vitais do homem (atividade, inteligência e afetividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a literatura infantil tem meios de atuar. (GOÉS 1984, p. 22)

As crianças não podiam viver como crianças. A realidade que lhe foi proporcionada era muito diferente da que elas tinham direitos; as histórias dos livros vieram para fazê-las compreender seu verdadeiro mundo. Elas foram classificadas em três tipos: o conto de fadas, as lendas e os mitos, que adaptados as crianças possibilitariam viajar no mundo da imaginação.

[...] status de literatura infantil – quando reaproveitadas e pelos primeiros livros destinados especificamente ao público infantil. Tal adaptação note-se, significa, na verdade, a incorporação de aspectos francamente didáticos e utilitários, ligados à educação moral, por exemplo. (Azevedo, 1999, p.2)

Os contos trouxeram a concepção da nova visão das crianças, o quanto seria importante o contato delas com um livro infantil, assim construindo o próprio caráter infantil, sem influências do modo de vida adulta. Assegura Cardoso e Cavalcante que “[...] é necessário reconhecer a importância do contato da criança, desde cedo, com a literatura infantil, haja vista que esse contato a aproxima da cultura erudita e popular e desenvolve potencialidades importantes na sua formação” (2012, p.8).

Com a chegada da literatura infantil no Brasil, trazendo as narrativas europeias, reproduzidas de Portugal, as crianças brasileiras, pois elas não compreendiam o idioma

Português, não entendiam o que estavam escrito nas páginas do livro, partindo daí, surgiu uma grande necessidade de uma literatura genuinamente nacional, onde crianças pudessem entender e sentir o prazer no que estavam lendo, Lajolo e Zilberman ressalta quando dizem, (1985, p31).

Os textos que justificam as queixas de falta de material brasileiro são representados pela tradução e adaptação de varias histórias europeias que, circulando muitas vezes em edições portuguesas, não tinham com os pequenos leitores brasileiros, sequer a cumplicidade do idioma. Editadas em Portugal, eram escritos num português que se distanciava bastante da língua materna dos leitores brasileiros.

Esta distância entre a realidade linguística dos textos disponíveis e a dos leitores é unanimemente apontada por todos que, no entre-séculos discutiam a necessidade da criação de uma literatura brasileira. Dentro desse espírito, surgiram vários programas que de nacionalização desse acervo literário europeu para as crianças.

Foi Monteiro Lobato quem consolidou a literatura infantil brasileira, escrevendo histórias infantis com linguagem simples, onde a realidade e a fantasia caminhavam juntas, para o entretenimento da criança. Eram criações de gêneros diversificados e personagens são conhecidos até hoje. Sobre isto comenta Cunha (1999, p.24).

Com Monteiro Lobato é que tem inicio a verdadeira história da literatura brasileira. Com obra diversificada quanto ao gênero e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorre e unificam seu universo ficcional. No Sítio do Pica Pau Amarelo vivem dona Benta, e Tia Anastácia, as personagens adultas que “orientam” crianças (Pedrinho e Narizinho) “outras criaturas” (Emília e Viscondes de Sabugosa) e animais como Quindim e Rabicó.

Hoje, para atrair ainda mais uma criança, quanto mais o livro estiver compostos por ilustrações, vocabulários que sejam do cotidiano infantil, melhor. Entretanto, poderia ser ainda mais fácil associarmos os contos populares com a literatura infantil propriamente dita, porque as narrativas populares são de fácil entendimento, são ricas em linguagem oral, ideal para a comunicação clara e direta.

No ano de 1984, Raimundo Luiz do Nascimento, conhecido por Santa Helena, em uma de suas palestras, teve a ideia de produzir cordéis para o público infantil. Drummond sugeriu que Santa Helena produzisse os livretos com desenhos de xilogravuras em todas as paginas, não se resumindo apenas na capa. Logo depois, lançou um livro “O Menino que Viajou num Cometa”, junto ao qual veio um CD e um estojo com lápis coloridos. “É costume que os cordéis só tenham como ilustração uma xilogravura: a da capa, Drummond aconselhou Santa Helena a publicar o livro com uma xilogravura por página, mantendo as imagens talhadas em madeiras, como tradicionalmente se faz”. (CAVALCANTE, 2007, p.29).

## 5. Sobre as Histórias em Quadrinhos

No final do XIX e início do século XX, eclodiram as primeiras manifestações das Histórias em Quadrinhos. Com o progresso da tecnologia, nasceram os novos meios de comunicação e modernas formas de expressão e de imagem gráfica, proveniente do desenvolvimento. Na área tipográfica houve a expansão dessa comunicação em massa, nos centros industriais, propagando-se números de periódicos em várias partes do mundo, com as histórias contadas em quadros, usando os textos dentro de balões.

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentadas em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias como meio de comunicação de massa. Ainda que as histórias ou narrativas gráficas contendo os principais elementos da linguagem dos quadrinhos possam ser encontradas em varias regiões do mundo [...] quando os elementos tecnológicos e sociais encontravam-se devidamente consolidados para a história em quadrinhos se transformassem em um produto de consumo massivo, como de fato ocorreu. (VERGUEIRO et al, 2010, p.10)

Na década de 30, surgiram as Histórias em Quadrinhos, originadas nos Estados Unidos, hoje conhecidas por Comics, destacando as anedotas e piadas citavam-se animais e crianças. Os textos foram escritos nas páginas dos jornais americanos nos dias de domingo, exclusivamente para eles.

Dentro dos balões escreviam-se as histórias da participação dos heróis na batalha como, por exemplo, *O Homem de Aço*, envolvendo o público adolescente. Cada vez mais crescia o consumo dos livros, e a crescente evolução das Histórias em Quadrinhos se deu, principalmente, no fim da guerra. Inovando as histórias, surgiram textos polêmicos, como de terror e suspense. Partindo daí, começaram os jovens e as crianças interessarem-se muito pelos livrinhos. No início da Guerra Fria, apareceu o psiquiatra Frederic Wertham alegando que as Histórias em Quadrinhos, através dos relatos dos seus pacientes, estavam causando efeitos perversos nos jovens, mudando a personalidade deles, corrompendo seus princípios. Segundo o psiquiatra, um leitor obcecado pelas histórias do Superman, poderia atirar-se por uma janela a querer voar, imitando o super-herói. Vergueiro et al (2010,p. 11):

[...] Baseado nos atendimentos que fazia de jovens problemáticos, dr Wertham passou a publicar artigos em jornais e revistas especializadas, ministrar palestras em escolas, participar de programas de radio e tevê, nos quais sempre salientava os aspectos negativos dos quadrinhos e sua leitura. Generalizando suas conclusões a partir de um segmento da indústria de revistas de histórias em quadrinhos – principalmente as historias de suspenses e terror -, e dos casos patológicos de jovens

e adolescentes que tratou em seu consultório, ele investiu violentamente contra o meio, denunciando-o como grande ameaça à juventude norte-americana.

Evidenciando os pioneiros dos Quadrinhos, mencionamos da Europa, o suíço Rudolph Töpffer, o francês Georges Colomb, o alemão Wilhelm Bush, entre eles, o ítalo-brasileiro, Ângelo Agostini. Artista e jornalista, produziu, no ano 1867 as primeiros HQs no Brasil, ainda sob influências estrangeiras. Dentre suas ilustrações estão as personalidades de Zé Caipira e Nhô Quim, publicadas em forma de seriados; em 1905, criou o primeiro logotipo para a revista Tico-tico, considerada um marco na época. No meio dos seus personagens, destacam-se Chiquinho e Jagunço inspirados nos protagonistas Tiger e Buster Brown. O sucesso dessa revista perdurou até o ano 1929, por onde passaram vários autores famosos, do tipo de Alfredo Stoni, Max Yantock, João Carlos etc.

Mais tarde, com o fechamento da revista Tico-Tico, o jornal paulista A GAZETA ou GAZETINHA foi considerado o marco inicial do periódico infantil no Brasil. De desenhistas brasileiros que tiveram suas ilustrações publicadas pela GAZETINHA, citamos Gomez Dias e Nino Borges. Os jornais da GAZETA existiram até o ano de 1950, o qual abriu espaço para muitos artistas.

Em meio à concorrência, o empresário Roberto Marinho, no ano de 1939 do jornal O GLOBO criou O GLOBO JUVENIL. As páginas desse jornal (O GLOBO JUVENIL) continham os principais quadrinhos norte-americanos. Também passou a circular no mercado a revista conhecida por Gibi, considerada referência dos quadrinhos no Brasil. Mas esse tipo de periódico entrou em decadência e os artistas brasileiros, de certa forma, para se esquivar dessa crise, produziram edições de luxo, comercializadas em lugares específicos. O desenhista Mauricio de Souza, um dos maiores representantes dos Quadrinhos no Brasil, iniciou o seu sucesso no Jornal O GLOBO JUVENIL, que dura até hoje. O seu primeiro personagem das suas HQs foi o cachorro Bidú.

## **6. Estudo dos Textos**

### **6. 1. Descrição dos Documentos**

O Romance do Pavão Misterioso foi um dos romances de cordel de grande evidência na literatura de cordel. Foi escrito pelo Paraibano João Melchíades Ferreira, e reescrito, a partir da original de José Camelo Melo Resende. Além do autor original, surgiram outros contemporâneos, dentre eles se destacou Arievaldo Viana que reescreveu o texto em versão

adaptada para as crianças. Depois, surgiu a versão em Quadrinhos feita por Klévisson Viana que transformou-o, produzindo num modelo mais ousado.

O texto popular de Ferreira, lançado na década 1920, possui trinta páginas somando cento e quarenta e um, em versos sextilhados. O texto conta uma história de aventura, amor e heroísmo. Essa publicação foi um direito reservado à ABC (Academia Brasileira de Cordel).

O Pavão Misterioso cordel em Quadrinhos foi um marco para a editora paulistana Prelúdio, no fim da década de 1960, sendo a grande precursora por inovar o tradicional folheto de cordel, se arriscando num formato diferente para a época. As ilustrações ficaram feitas por Sergio Lima e Nico Rosso. Klévisson Viana trouxe para os dias atuais o projeto gráfico, repaginação e balões – está composto de 45 páginas, que totalizam 213 balões – em modelos mais modernos, no formato HQs, na melhor adequação para um público mais exigente em parceria com a editora Paulista Luzeiro, e a Cearense Tupynanquim.

O texto adaptado para o público infantil com ilustrações coloridas e a linguagem simples, é de autoria de Arievaldo Viana. Os esboços foram feitos por Jô Oliveira. Lançado pela editora IMEPH, 2010, composto por catorze páginas, contendo cinquenta e oito versos, também formandos em sextilhas.

### **6.1.1 A Relação entre os Textos**

No processo da relação entre os três textos, segue o estudo tendo como referencial o texto popular O Romance do Pavão Misterioso. Para tanto, faremos a análise dos elementos estruturais da narrativa:

#### **O Enredo**

Na narrativa do Romance Pavão Misterioso, o personagem central resolveu viajar para conhecer outros países e Evangelista, seu irmão, pediu que lhe trouxesse um presente bonito. João Batista, quando estava na Grécia, comprou a foto de uma donzela, a mais bonita, chamada Creuza, filha de um Conde, que a mantinha presa no quarto superior da casa, de onde a moça só aparecia uma vez ao ano. Na volta para casa, ele entregou a Evangelista a foto da condessa, por quem logo se apaixonou. Assim, resolveu ir até a moça e pedi-la em casamento. Como se tratava de uma viagem difícil e quase impossível, fez uma engenhoca, um pavão feito de lata. Depois de muita luta conseguiu sequestrar a jovem do sobrado onde

vivia presa e levou-a para a Turquia. Após o casamento, a noiva recebeu um telegrama mandado pela mãe, dizendo para eles voltarem para administrar a herança, pois o conde, pai da moça, morrera e a mãe queria conhecer seu genro.

Um dia João Batista  
pensou pela vaidade  
e disse a Evangelista:  
meu mano, eu tenho vontade  
de visitar o estrangeiro  
se não te deixar saudades

— Teu conselho não me serve  
estou impressionado  
rapaz sem moça bonita  
é um desafortunado  
se eu não casar com Creusa  
fundo meus dias enforcado

Então disse um dos soldados:  
orgulho é uma ilusão  
um pai governa uma filha  
mas não manda o coração  
agora a condessinha  
vai fugindo no pavão

[...]

[...]

[...]

— É a moça que eu falo  
filha do tal potentado  
o pai tem ela escondida  
em um quarto do sobrado  
chama-se Creusa e criou-se  
sem nunca ter passeado

Tinha cauda como leque  
as asas como pavão  
pescouço, cabeça e bico  
alavanca, chave e botão  
voava igual ao vento  
para qualquer direção

Dizia o telegrama:  
«Creusa, vem com teu marido  
receber a tua herança  
o conde já é falecido  
tua mãe deseja ver  
o genro desconhecido»

[...]

[...]

(Ferreira 2012: 2, 4, 7, 12, 27, 28)

O enredo da versão infantil do Pavão Misterioso, de Arievaldo Viana e Jô Oliveira. A história se repete, a diferença é que, nessa versão, o objeto mágico que levou o herói até a moça, foi uma caixa que se transformou num pavão colorido. Outro aspecto diferente: depois do sequestro, os dois voaram para o Nordeste, casaram na casa de João Batista, e, ainda na festa, receberam uma mensagem do castelo dizendo que o sultão – que na versão original tinha morrido – havia perdoado o casal que embarcara de volta para a Grécia; a festa continuou no palácio.

Então, num passe de mágica  
A caixa se transformou  
Em um pavão colorido.  
Saíram então o testou;  
Mexendo numa alavanca  
Seu invento decolou.

João Batista feliz  
Com a chegada do irmão  
Promoveu a maior festa  
Que já se viu no sertão,  
E a multidão não cansava  
De admirar o pavão.

Era o sultão concedendo  
Para o casal seu perdão.  
Evangelista e Creusa  
Embarcaram no pavão,  
Foram fazer nova festa  
No palácio do sultão.

[...]

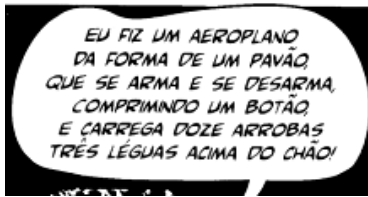
(Viana e Oliveira 2010:12,25,26)

Evangelista também  
Contente e vitorioso  
Apertava a sua amada  
Num abraço afetuoso,  
Voando para o Nordeste  
No Pavão Misterioso.

O fole tocava alegre  
Na latada do terreiro  
Chamaram o "seu" Januário  
Um famoso sanfoneiro,  
Nisso os noivos receberam  
Um bilhete alvissareiro.

[...]

O texto em Quadrinhos tem com a mesma sequência de fatos, igualmente ao cordel, o que também difere é o objeto mágico que leva Evangelista até a moça. Nesse caso, o herói mandou fabricar algo que facilitasse seu encontro e assim foi fabricado um avião que voou ao encontro da condessa. O resto da história aconteceu igual às versões anteriores citadas.



(Camelo e Lima 2010:23)

## O espaço

A trama do texto popular se passa na Europa. O ponto de partida é a casa dos irmãos João Batista e Evangelista, herdeiros de uma vasta herança localizada na Turquia, cidade de Meca, se estendendo para a Grécia, na cidade de Atenas, onde morava Creuza num palácio, filha de um monarca muito rude. Evangelista logo que chegou à Grécia, procurou o hotel mais simples da cidade. Como a aparição da condessa era um fato inusitado, sempre chegavam pessoas nos hotéis, de todos os lugares, de plebeus à nobreza. No seu pavão, voou até o quarto aonde Creuza dormia e a levou consigo, sequestrando-a, voltou para a Turquia e desceu na casa do seu irmão.

—Mora aqui nesta cidade  
um conde muito valente  
mais soberbo do que Nero  
pai dum filha somente  
é a moça mais bonita  
que há no tempo presente

[...]

Logo que Evangelista  
foi chegado na Turquia  
com a condessa da Grécia  
fidalga da monarquia  
em casa de João Batista  
ensaram no mesmo dia

[...]

Logo que Evangelista  
foi chegado na Turquia  
com a condessa da Grécia  
fidalga da monarquia  
em casa de João Batista  
ensaram no mesmo dia

(Ferreira 2012: 3,4)

— É a moça que eu falo  
filha do tal potentado  
o pai tem ela escondida  
em um quarto do sobrado  
chama-se Creusa e criou-se  
sem nunca ter passeado

Os hotéis já se achavam  
repletos de passageiros  
passeavam pelas praças  
os grupos de cavalheiros  
havia muitos fideigos  
chegados dos estrangeiros

[...]

O espaço em O Pavão Misterioso na versão infantil, o ponto de partida é o interior do agreste no Nordeste, aonde viviam os dois irmãos, de onde ele partiu para a capital, na companhia de seu cachorro Corisco e o cavalo Vendaival, viajou em um navio para a Grécia.

Com seu irmão João Batista  
Vivia em pleno Nordeste  
Numa abastada fazenda  
Encravada no agreste  
E os dois manos viviam  
Numa amizade incontestes.

[...]

O moço Evangelista  
Partiu para a capital  
Embarcou em um navio  
Na classe especial  
Com seu cachorro Corisco  
E o cavalo Vendaival.

( Viana e Oliveira 2010: 1,4)



O espaço na versão do Pavão Misterioso Cordel em Quadrinhos tem o mesmo direcionamento das versões anteriores. A personagem seguiu para Atenas na Grécia, indo até o palácio onde morava Creuza. Na sua aeronave de lata levantou voo até o lugar em que repousava a senhorita, sequestrando-a da prisão com destino à Turquia, na rota da mansão de João Batista.

DESPEDIU-SE EVANGELISTA,  
ABRAÇOU O SEU IRMÃO -  
CHORARAM UM PELO OUTRO,  
NA TRISTE SEPARAÇÃO.  
SEGUINDO UM PARA A GRÉCIA  
EM UMA EMBARCAÇÃO.

CHEGOU AO QUARTO DE CREUZA,  
ONDE DORMIA A DONZELA  
DEBAIXO DUM CORTINADO  
FEITO DE SEDA AMARELA.  
E ELE, PARA ACORDA-LA,  
POS A MÃO NA TESTA DELA.

[...]

FOI CHEGANDO NA TURQUIA  
COM A CONDESSA DA GRÉCIA,  
FIDALGA DA MONARQUIA,  
EM CASA DE JOÃO BATISTA  
CASOU-SE NO MESMO DIA.

[...]

[...]

(Camelo e Lima 2010: 18, 26,42)

**O Tempo:** As três narrativas se desenvolvem em tempo cronológico, acontecem numa sequência de fatos em dias, meses e anos.

O Romance do Pavão Misterioso

O Pavão Misterioso (infantil)

O Pavão Misterioso (histórias quadrinhos)

—De ano em ano essa moça  
bota a cabeça de fora  
para o povo adorá-la  
no espaço duma hora  
para ser vista outra vez  
tem um ano de demora

[...]

Somente uma vez por ano  
Ela vinha à sacada  
Mostrar a sua beleza  
Pelo pai acompanhada  
E por grande multidão  
Creuza era admirada.

[...]

DE ANO EM ANO, ESSA MOÇA  
BOTA A CABEÇA DE FORA  
PARA O POVO ADORÁ-LA  
NO ESPAÇO DE UMA HORA.  
PARA SER VISTA OUTRA VEZ,  
TEM UM ANO DE DEMORA!

[...]

Ali passou oito meses  
sem se dar a conhecer  
sempre andando disfarçado  
só para ninguém saber  
até que chegou o dia  
da donzela aparecer

[...]

— Depois do invento pronto  
Tu a verás sem perigo  
Enquanto isso tu ficas  
Tranquilo no teu abrigo!  
Evangelista notou  
Que o sábio era um amigo.

[...]

ALI PASSOU OITO MESES  
SEM SE DAR A CONHECER,  
SEMPRE ANDANDO DISFARÇADO,  
SÓ PARA NINGUÉM SABER,  
ATÉ QUE CHEGOU O DIA  
DE A MOÇA APARECER.

[...]

—Eu aceito o seu convite  
mas preciso lhe avisar  
que vou trabalhar 6 meses  
o senhor vai esperar  
é obra desconhecida  
que agora vou inventar

(Ferreira 2012:4, 8,11)

O velho pediu seis meses  
Pra concluir o projeto  
Pedi adiantamento  
Mas, o rapaz inquieto,  
Na mesma hora lhe fez  
O pagamento completo.

(Viana e Oliveira 2010: 4,11)

EU ACEITO SEU CONTRATO,  
MAS PRECISO LHE AVISAR  
QUE VOU TRABALHAR SEIS MESES.  
O SENHOR VAI ESPERAR!  
É OBRA DESCONHECIDA  
QUE AGORA VOU INVENTAR!

(Camelo e Lima 2010: 13,19,21)

## Personagens e Ação:

As personagens e o desempenho de cada um. No papel principal destacamos Evangelista, o herói, por sua paixão e seu plano audacioso para libertar Creuza do enclausuramento desde infância. A sua atuação é de fundamental importância para o desenrolar da história. As personagens secundárias são: Creuza, o seu pai Conde, João Batista, irmão de Evangelista e o engenheiro Edmundo a mãe de Creuza, os soldados do conde, o

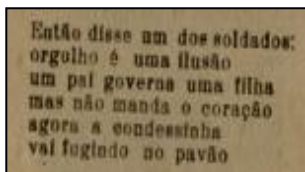
fotógrafo e o jornalista. São personagens, cujas atribuições se encaixam diretamente na história.

No Pavão Misterioso Infantil acrescenta-se a personagem Salim, o inventor. Dos secundários evidenciam-se: a princesa Creuza, João Batista o irmão de Evangelista e, seus papeis na narrativa são fundamentais para o desenrolar da história.

No Pavão Misterioso em Quadrinhos, as personagens são as mesmas da versão do cordel.

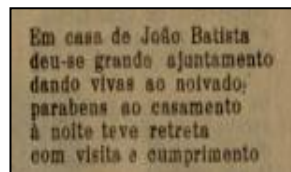
### A ação:

No conto popular a ação se desenvolve quando inicia-se a aventura de Evangelista para tirar Creuza do seu quarto, e sair voando em seu pavão, em direção à casa de seu irmão para realizar seu sonho de casar-se com sua amada.



Então disse um dos soldados:  
orgulho é uma ilusão  
um pai governa uma filha  
mas não manda o coração  
agora a condessinha  
vai fugindo no pavão

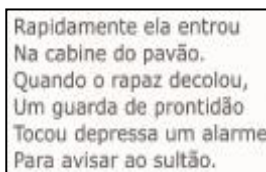
[...]



Em casa de João Batista  
deu-se grande ajuntamento  
dando vivas ao noivado,  
parabéns ao casamento  
à noite teve retreta  
com visita e cumprimento

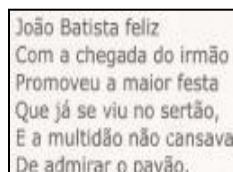
(Ferreira 2012:27)

Na versão infantil a ação se desenvolve igual, a fuga de Creuza, e o casamento na fazenda de João Batista. O que difere nessa narrativa é a atitude do guarda na hora da fuga, que, rapidamente toca o alarme para avisar ao sultão. Já na versão Popular, o soldado nada faz. Outra questão foi a comemoração ao casamento: chegaram a fazenda onde residia seu irmão, uniram-se à festa com um sanfoneiro tocando, a multidão que estava presente na celebração não se cansava de admirar o pavão. No conto popular ocorreu uma festa simples.

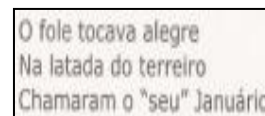


Rapidamente ela entrou  
Na cabine do pavão.  
Quando o rapaz decolou,  
Um guarda de prontidão  
Tocou depressa um alarme  
Para avisar ao sultão.

[...]



João Batista feliz  
Com a chegada do irmão  
Promoveu a maior festa  
Que já se viu no sertão,  
E a multidão não cansava  
De admirar o pavão.

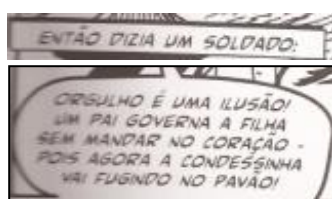


O fole tocava alegre  
Na latada do terreiro  
Chamaram o "seu" Januário

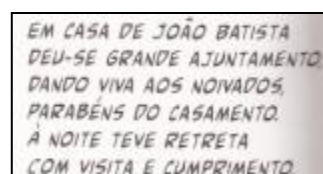
[...]

(Viana e Oliveira: 23,25)

A versão em quadrinhos tem a mesma sucessão de episódios do conto popular.



ENTÃO DIZIA UM SOLDADO:  
ORGULHO É UMA ILUSÃO!  
UM PAI GOVERNA A FILHA  
SEM MANDAR NO CORAÇÃO -  
POIS AGORA A CONDESSINHA  
VAI FUGINDO NO PAVÃO!



EM CASA DE JOÃO BATISTA  
DEU-SE GRANDE AJUNTAMENTO.  
DANDO VIVA AOS NOIVADOS,  
PARABÉNS DO CASAMENTO.  
À NOITE TEVE RETRETA  
COM VISITA E CUMPRIMENTO.

[...]

(Camelo e Lima 2014: 41,42)

A **linguagem**: nas três narrativas é bastante diversificada. A do cordel tem um vocabulário bastante popular, os versos são escritos de forma peculiar, seguindo as formalidades na estrutura, nas rimas.

—Quero te fazer um pedido  
procura no estrangeiro  
um objeto bonito  
só para rapaz solteiro  
traz para mim de presente  
embora custe dinheiro

[...]

Logo no segundo dia  
Creusa saiu à janela  
os fotógrafos se vexaram  
tirando o retrato dela  
quando intirou uma hora  
desapareceu a donzela

[...]

Então disse Evangelista:  
meu mano, vai me contando  
se viste coisa bonita  
onde andaste passeando  
que me trouxe de presente  
vai logo me entregando

[...]

Então disse João Batista:  
agora vou demorar  
para ver essa princesa  
estrela deste lugar  
quando eu chegar na Turquia  
teabo muito que contar

[...]

João Batista viu depois  
um retratista vendendo  
alguns retratos de Creusa  
vexou-se e foi dizendo:  
quanto quer pelo retrato?  
porque comprá-lo pretende

[...]

João Batista retirou  
o retrato duma mala  
entregou ao rapaz,  
que estava em pé na sala  
mas quando viu o retrato  
quis falar, tremeu a fala

(Ferreira 2012: 2, 4, 5, 6).

A linguagem no cordel infantil é pouco mais culta, obedecendo às normas gramaticais na estrutura das rimas, com suas ilustrações coloridas, produzidas especificamente para o seu público, o infantil.

Era o bellissimo retrato  
De uma linda princesa,  
Mulher alguma do mundo  
Superava-lhe a beleza

[...]

Ele fitou o retrato  
Fixamente, embevecido  
E depois disse a seu mano  
Resoluto e decidido:  
— Eu irei ver a princesa  
Quero ser dela o marido!

(Viana e Oliveira 2010:1)

Destacamos no cordel em Quadrinhos a fala das personagens que se reproduzem dentro de balões e a história é transmitida através dos desenhos, fazendo relação entre os canais visuais e linguísticos. São esses pequenos detalhes que divergem do conto principal, pois sua linguagem é culta.

QUERO FAZER-LHE UM PEDIDO:  
PROCURE NO ESTRANGEIRO  
UM OBJETO BONITO,  
SÓ PARA RAPAZ SOLTEIRO.  
TRAZA PRA MIM DE PRESENTE,  
EMBORA CUSTE DINHEIRO!

[...]

ENTÃO DISSSE JOÃO BATISTA:  
AGORA VOU DEMORAR  
PARA VER ESSA CONDESSA,  
ESTRELA DESTA LUGAR.  
QUANDO EU CHEGAR NA TURQUIA  
TENHO MUITO QUE CONTAR!

(Camelo e Lima 2010:11, 14)

## Considerações Finais

Estudos comparados nos permitem estabelecer a relação entre diferentes tipos de textos a partir de um texto base. Para isso, usamos os princípios da Intertextualidade, segundo Julia Kristeva, para identificar relações entre o texto da Literatura Popular, e as adaptações da Literatura Infantil e das Histórias em Quadrinhos.

Assim, tornou-se necessário fazer uma breve apresentação de aspectos da Literatura de Cordel onde se insere o texto base, objeto estudado, destacando como essa Literatura serviu, por muito tempo, como fator de sobrevivência para os artistas. Essa versão popular gerou, outras manifestações literárias desenvolvidas por novos autores em outros campos da criação artística. Como exemplo de novas adaptações do texto popular, selecionamos o texto da Literatura Infantil, onde se insere a adaptação do texto popular para crianças, e, assim, ressaltamos alguns aspectos e a importância dessa Literatura. As Histórias em Quadrinhos também foram destacadas nesse estudo, a partir das suas origens, sua importância, para inserir o texto adaptado do cordel.

Assim o estudo comparado permitiu destacar os elementos comuns entre os três textos, destacando o enredo, as personagens e o tempo que se apresentam iguais. Algumas pequenas diferenças foram detectadas, como por exemplo: o espaço na narrativa popular é a Europa, no texto infantil é o Nordeste, e na versão em Quadrinhos é a Grécia; os objetos mágicos que levam Evangelista até Creuza, também são diferentes: no texto popular, é um pavão feito de lata, no infantil, uma caixa que se transformou num pavão colorido e na História em Quadrinhos, foi construído um aeroplano que levou, também, o herói até a mocinha.

Estudos desse nível não se esgotam, abrem espaço para outros estudos com outros textos, aumentando, enriquecendo abrindo um leque para outros horizontes, movido pelo principal combustível que ultrapassou gerações e gerações da criação artística.

## Referências

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. - São Paulo: Brasiliense, 2007. (coleção primeiros passos; 36).

AZEVEDO, Ricardo. 1999. **Literatura infantil: origens visões da infância e certos traços populares**. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Literatura-infantil.pdf>. - Acesso em: 09/05/2014.

- CAMELO, José; LIMA, Sérgio. **O Pavão Misterioso Cordel em Quadrinhos**. - São Paulo: Luzeiro; Fortaleza: Tupynanquim, 2010.
- CARDOSO, Gislâine da Silva, CAVALCANTE, Luciana Matias. 2012. **Literatura de Cordel Como Recurso Pedagógico que Estimula a Linguagem e Criatividade da Criança Pequena**. IV FIPED Fórum Internacional de Pedagogia Parnaíba – PI/Brasil. Disponível em: [http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/da3c95c850e677d9da2c4c932bd5d96d\\_2735](http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/da3c95c850e677d9da2c4c932bd5d96d_2735). - Acesso em: 10/05/2014.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. - 45º ed. - São Paulo: Ática, 2001.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. – 3º ed. - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1984.
- CAVALCANTE, Carlos Alberto de Assis. 2007. **A Atualidade da Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp059384>. - Acesso em 21/04/2014.
- CORRALES, Luciano. **Intertextualidade e suas Origens**. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Luciano-Corrales.pdf>. - Acesso em: 29/04/2014.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática** – 18ºed. - São Paulo: Ática, 1999.
- FERREIRA, João Melchíades. **Romance do Pavão Misterioso**. - Fortaleza (Direitos reservados Academia Brasileira de Cordel), 2012.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução ao Pensamento de Bakhtin**. - 1º ed. – São Paulo:Ática, 2006.
- GOÉS, Lucia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. – São Paulo: Pioneira, 1984.
- HAURÈLIO, Marco. **Breve História da Literatura de Cordel**. - São Paulo: Claridade, 2010.
- KOCH, Ingedore G. Villaça et al. **Intertextualidade: Diálogos Possíveis**. - 2ºed. – São Paulo: Cortez, 2008.
- LAJOLO, Maria; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. - 2º ed. – São Paulo: Ática, 1985.
- LUYTEN, Joseph Maria. **O que é Literatura de Cordel**. - São Paulo: Brasiliense, 2007.
- MELO, Marilene Carlos do Vale. 2008. **Da História Editorial e das Variantes do Texto de Menino de Engenho**. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/images/Marilene.pdf>. – Acesso em: 04/06/2014.
- NOGUEIRA, Ângela Maciel. 2009. **Origem e Característica da Literatura de Cordel**. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea00709a>. – Acesso em: 21/04/201.
- OLIVEIRA, Jô; VIANA, Arievaldo. **O Pavão Misterioso**. - 3ºed.- Fortaleza: IMEPH, 2010.
- WERGUEIRO, W. et al. **Como usar as Histórias em Quadrinhos em Sala de Aula**. - 4º ed. – São Paulo: Contexto, 2010.